

Reverência à memória: resgatando experiências do Estágio em tempos de Covid-19

Gabriel Geronimo de França Xavier

13

Após mais de um ano da pandemia de Covid-19 que assombrou e assombra até os dias atuais o mundo, mudando diversos âmbitos e modos de vida do cotidiano em todo o globo terrestre, apresento-me para efetuar a última disciplina de Estágio na minha faculdade. Assim, durante esse período de pandemia, das quatro disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado do curso de Geografia, na modalidade de licenciatura, três dessas disciplinas foram de maneira remota. Pelo fato do curso ser presencial e ter a necessidade de realizarmos as atividades de forma “online”/remota, nota-se, logo de início, os primeiros entraves, desafios e obstáculos em relação ao ensino remoto durante a necessidade do isolamento social decorrente dos surtos de Covid-19 e a preocupação dos espaços de vivência da escola.

De que forma manter a continuidade dos semestres? Quais são as possibilidades de plataforma “online” para conectar os alunos juntamente aos professores? Como e quais serão os recursos didáticos que poderão integrar, de maneira mais democrática e participativa, o processo de ensino-aprendizagem? Essas foram apenas algumas das perguntas que foram e são levantadas até hoje. A responsabilidade em manter a produtividade escolar com aulas à distância em um período totalmente delicado da humanidade, tem se configurado em grandes debates relacionados à educação, à pandemia, à saúde mental de toda comunidade escolar envolvida nesse processo e, é claro, não poderíamos esquecer: do grande abismo da desigualdade social existente no Brasil.

Esse foi um ponto extremamente importante e que por mais que conhecêssemos a re-

alidade educacional brasileira, muitas das vezes a mesma era colocada em segundo plano, diluindo e fragmentando toda essa discussão. Entretanto, após a necessidade de dar prosseguimento às estruturas de aulas, podemos notar, de maneira fria e bastante estruturada, a capacidade dos impactos da desigualdade social em relação ao ensino remoto, principalmente quando nos referimos à educação pública. Não é nenhuma novidade que no Brasil, apesar de algumas evoluções e ganhos de direitos sociais, a desigualdade social ainda é elevada e isso ocorre de maneira estrutural; seja pela irresponsabilidade dos recursos públicos, a falta de investimento em saúde e educação e dentre outras inúmeras situações que poderíamos elencar.

A falta de investimento e infraestrutura no setor público de educação acarreta, de forma direta, no avanço e na manutenção da desigualdade social no país, ocasionando uma série de situações que podemos aqui relatar e que vem se intensificando mais ainda em tempos de pandemia. É o caso da falta de recursos para o setor da educação, da baixa remuneração e, consequentemente, do desinteresse por parte dos profissionais da educação, do alto índice de evasão escolar e, mais especificamente, durante o grande período de isolamento social com o crescimento alarmante dos casos de Covid-19. Com isso, nota-se a ausência dos alunos nas continuidades das aulas e o aumento da dificuldade de adaptação a esse tipo de ensino: o ensino remoto e toda a perda de vivências e convivências entre toda comunidade escolar, o que muitas das vezes gerava relatos de identidade, pertencimento e singularidades entre os sujei-

tos nos mais diversos espaços da escola.

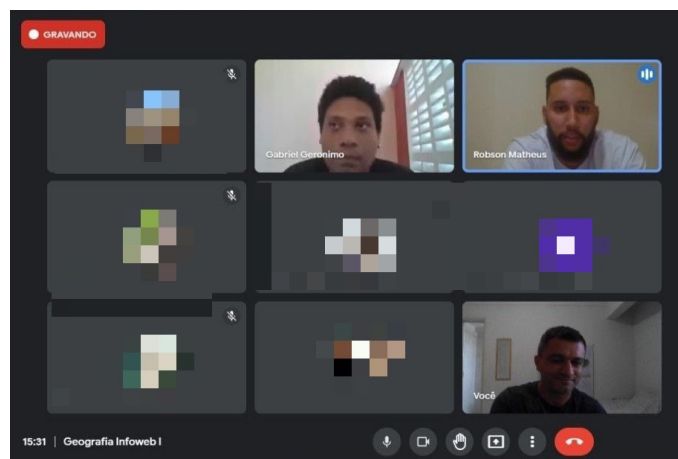
Assim, durante a experiência que se dá a partir dos três Estágios Supervisionados de maneira remota, pôde-se ver o ordenamento dessas desigualdades sociais atuando de modo efetivo na educação pública do Brasil. Num primeiro momento, a dificuldade posta iniciou-se em encontrar um canal/plataforma de comunicação que pudesse conectar os alunos com os professores, facilitando, dessa forma, os diálogos a respeito da continuidade das aulas. Bem como a elaboração de exercícios e a possibilidade de criar instrumentos e ferramentas que garantiriam um maior arcabouço em relação aos recursos didáticos que poderiam ser utilizados durante o período de aulas remotas.

Em seguida, tem-se a discussão a respeito das novas experiências possibilitadas pelo ensino remoto. Logo, houve uma discussão bastante precisa em relação ao espaço “online” e encontros virtuais das aulas, usando como base dessa discussão o livro “Cibercultura”, do francês Pierre Lévy. Nele, o autor, um dos principais nomes a discutir a comunicação ciberespacial, nos leva a um excelente pensamento em relação ao ciberespaço que é utilizado para dar um maior embasamento ao repertório teórico das análises e controvérsias da educação em tempos de pandemia, utilizando-se dessa ferramenta do espaço virtual. Assim, Lévy (1999, p. 92) considera que: “o ciberespaço é o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”.

Essa questão do ciberespaço vai nos mostrar mais uma vez como a desigualdade social relatada pela sociedade brasileira vai estar

intimamente ligada aos processos de dificuldades e adversidades na educação do país. Portanto, para uma maior equidade educacional, o direito ao acesso à internet mostra-se como um requisito essencial para que os alunos tenham a garantia e permanência do acesso à educação em tempos de ensino remoto. Claro, não podemos deixar de lado uma outra discussão em torno desse acesso: o direito ao acesso à internet deve ocorrer de forma segura, democrática e participativa, oferecendo suporte a segurança no que se refere ao uso e acesso à internet e propostas didáticas que afirmam a continuidade dos estudos.

Desse modo, sabe-se que apenas a distribuição de tablets e computadores para os alunos, além de oferecer acesso a conexão à internet, não é a única e tão somente solução para as escolas durante a pandemia. Tem de se ter todo um trabalho minucioso de capacitação de toda a comunidade escolar em relação ao uso da internet, como: quais as plataformas mais interativas para lidar com os alunos; quais serão os principais recursos e materiais didáticos para suprir as necessidades do espaço da sala de aula; dentre outras discussões. A educação vai muito além da sala de aula e da simples pre-



(Fonte: Arquivo pessoal)

sença do professor e dos alunos. O processo de ensino-aprendizagem tem a capacidade de abranger diversos conflitos, debates e questões, criando, dessa maneira, uma infinidade de veredas para que possamos, cada vez mais, trabalhar a educação de forma horizontal e comunicativa, deixando um pouco mais de lado a organização de hierarquias impostas historicamente.

Essas são apenas algumas das mais variadas reflexões que pôde-se ter nas experiências e oportunidades acarretadas pela vivência do Estágio Supervisionado no ensino remoto. Utilizando disciplinas do meu curso e conceitos básicos e chaves proporcionados pela Geografia, é essencial trabalharmos essas reflexões e argumentos em sala de aula. Assim, procura-se estabelecer uma maior afinidade entre a Geografia e a Geografia da sala de aula; todas as eventualidades, competências e habilidades que podemos proporcionar a partir dos conhecimentos geográficos, bem como a chance de estar sempre podendo aprender um pouco mais com a comunidade escolar e o que vem de novo por meio de uma realidade social, vivências e identidades totalmente diferente das nossas.

Referências

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. [S. l.]: Editora 34, 1999. 250 p. v. 1.